

**zona de carga/loading zone**

**ARTICULAR LO IMPOSIBLE  
ARTICULANDO O IMPOSSÍVEL  
UTTERING THE FORBIDDEN**

**NO. 9  
MARZO / MARCH / MARÇO 2018**

# **zona de carga/loading zone**

ARTICULAR LO IMPOSIBLE  
ARTICULANDO O IMPOSSÍVEL  
UTTERING THE FORBIDDEN

MADISON, WISCONSIN 2018

ZONA DE CARGA/ LOADING ZONE  
ARTICULAR LO IMPOSIBLE / ARTICULANDO O IMPOSSÍVEL /  
UTTERING THE FORBIDDEN  
No. 9, MARZO / MARCH / MARÇO 2018  
Madison, Wisconsin

La impresión de este volumen fue posible gracias al apoyo de:	This volume is published thanks to the support of:	A realização foi possível graças ao apoio de:
---	--	---

Kaleidoscope – Graduate Students Conference of the Department of Spanish and Portuguese 2017/2018

Brittingham Trust,  
The Nave Fund,  
Kemper Knapp Bequest,

Funded in part by ASM in a viewpoint neutral manner



[www.zonadecarga.com](http://www.zonadecarga.com)  
[zdecarga@gmail.com](mailto:zdecarga@gmail.com)

ISSN 2330-2364 (ONLINE)  
ISSN 2330-2356 (PRINT)

Comité editorial / Editorial board / Conselho editorial  
R. Ll. F., Felipe Moraga, Carlos Martín Cabrera, Jorge Hernández Lasa

Maquetación / Layout  
R. Ll. F.  
Felipe Moraga

Imagen de la portada / Cover image / Imagem da capa  
R. Ll. F.

Diseño editorial / Book design / Design do livro  
Edith Beltrán  
Alec Schumacher

Los derechos de los textos incluidos en este volumen pertenecen a cada autor.	The rights of the texts included in this volume belong to each author.	Os direitos dos textos incluídos neste volume pertencem a cada um dos autores.
---	--	--

# ÍNDICE / CONTENTS

CAROLINA ALVIM FERREIRA

Cronotopo.....5

LEITH CAMAR

Añorar.....11

La soledad del espejo.....12

ERNEST CARRANZA

(Des)ruptura.....13

Yo, vos, otros.....18

MAIA EVRONA

Caminos de Sefarad.....21

ROMEU FOZ

O espirro.....23

Vaidades.....26

Amores.....28

JORGE HERNÁNDEZ LASA

LED.....31

Sin título.....33

CARLOS MARTÍN

La sensibilidad de la bala.....35

FERNANDA MARTÍNEZ VARELA

Génesis.....39

WILLY PALOMO

Prayer to Abuela Tina.....47

CRISTINA ELENA PARDO

La necesidad de volar.....49

FLORANGEL REYES

A Reloaded Remix on a Junot Diaz Theme.....51

CRISTINA ZABALAGA

Miedo.....57

Carolina Alvim Ferreira

CRONOTOPO

Meados de um mês que nem valia a pena ser lembrado. Morno. Por aqui, tudo na mesma. Por lá, não sabia ao certo - há muito não voltava para uma das minhas casas -, mas era possível supor que o sol tocava tudo. Era como se estivesse numa fluorescência que me contraía e ela numa incandescência invejavelmente expansiva. Por isso, e por muitas vontades sem justificativa, queria que me percebesse. Não havia objetivo e não havia de haver. A gente nunca teve motivo para estar há meses de distância, nem nunca teve motivo para não se perceber quando a distância não existia. Meus passos não eram passos porque estava presa, eram toques que tentavam fazer com que as nossas histórias se esbarrassem de novo, eram sutis. Mas nunca soube como que o muro podia ser tão alto se conseguia vê-la estando do lado de cá. Costurávamos monossílabas que inutilmente consentiam e os ponteiros continuavam a marchar cada vez mais rígidos e mais ameaçadores. Ela aparecia e penetrava todas as camadas da minha vontade, irrigando minha ânsia. Poderia ser um sonho dentro de um sonho. Uma garoa bem fina tocava a minha pele, pequenas estrelas cadentes esfriando a minha superfície como se eu fosse feita de terra quente. Era um não-lugar. Nem aqui, nem lá. Era em todas as partes em que o desejo poderia transbordar. A garoa se enxugava em mim quando ela chegou.

.....

O relógio de parede tremia o azulejo; cada hora uma frutinha diferente. Ela chegou quando bateu sete laranjas e meia. A maçaneta girou e ela entrou pela porta da cozinha como entrou na minha vida - sem cerimônia. Eu estava de costas. Cozinhava sempre o dobro dizendo que era para ter o do dia seguinte garantido. Era para ela. O prato duralex de cor âmbar, os talheres em cabo de madeira e o copo americano estavam meticulosamente postos sobre a mesa na qual ela nunca comeu. Na mesa de um amor que nunca provou. A nossa fome era daquelas de comer os olhos de manhã, mastigando o sossego de quem abria as cortinas para receber luz. Continuei de costas mexendo a leiteira impacientemente. Não podia deixá-la de lado nem por um segundo. O leite ferve, cresce, a gente tira da boca do fogão, espera baixar e coloca de novo no fogo. Ela era o meu leite. Eu a queria fervendo mesmo que me queimasse, a queria perto e já não me importava se o seu amor era respingo. Assim mesmo, a colocava no fogo, a fazia crescer, a esfriava, provava na pele - entre os lábios e as mãos. Nunca havia dito que era um convite, mas assim o leu e sentou-se à mesa colocando os dois pés na cadeira de vime co-mo-quem-i-ro-ni-za-a-pres-sa. Os malditos ponteiros chumbavam o vento. A lentidão escancarava os detalhes e essa paciência me corroía. Talvez fosse porque ela entendesse as voltas e revoltas do relógio mais que eu. Sempre me perdi ao tentar escapar do tempo e ainda me

pergunto se para ela, em algum momento, ele significou essa distância que é para mim. Um abismo. A palavra não era presença apesar de saber que ela - tanto quanto eu - era movida por isso. Talvez aí esteja a nossa economia. Sua presença era, na verdade, um sopro quente batendo na janela, nessa janela que já suportou tanto toró. A quentura do seu sopro reverberava quase como se estivesse latejando, não chegava a doer. E a janela que não podia ser aberta por inteiro e foi deslizada, bem pouquinho, só para trocar o ar. Deixa trocar o ar - minha mãe dizia - assim você vai ficar doente, respirando o mesmo ar viciado de sempre. Minha mãe me escrevia; ela me lia; eu me apagava. E continuava tendo raiva de todas as pessoas que já a haviam chamado de leãozinho. Porque sei que chamaram. Mesmo sem saber, sei. Meu leãozinho. Por que tinha que ir embora cedo se chegou tarde em mim?

.....

Sempre estranhei aquela mania chata de adiantar os minutos para nunca se atrasar e sempre detestei aquele relógio de parede barato de 1,99 que na verdade custou 12,99 reais e ninguém nunca deu o um centavo de troco. Mas entrei na cozinha dela como se fosse minha. Nunca sabia quais portas abriam para dentro ou para fora, ia no instinto, no calor do momento. Uma vez me disseram que as portas de comércio abrem para fora para caso haja uma emergência e que as portas de casa abrem para dentro porque o lar é seguro, ninguém vai precisar sair com

Spring 2018

pressa de lá. Depois que me falaram isso, tudo fez sentido. Eu não queria sair dela. Seu coração não era de mãe e se assim o dissesse seria uma falácia. Mas era um coração bom e ela era matriz. Seu colo era quente, me afundava em suas pernas para sempre todas as noites em que não estive. Sua pele e os pelos de suas pernas me davam a segurança que quase nunca tive. Estes mesmos pelos que se amedrontavam na minha presença, e seus passos que eram largos, mas não eram passos. Entrei já sabendo que não tinha como sair - e caí - me afundei, me atirei em silêncio quando as não-palavras eram tudo que uma pessoa de palavras tinha a oferecer. Silêncio que subverte a coincidência. Ela de costas. Será que sabia que esse meu vazio era também existência ou será que perdoaria meu atraso? Sou a inquietação que faz os ponteiros serem reticentes. Vai-e-volta. Escangalhado. Não dizia que ficaria, nem que ia, mas queria - e como queria - que ela me pusesse no seu desconforto. Mesmo sem descrever, me escrevia e eu era inteira poesia. Em corpos intertextuais, éramos o descombinar de memórias que tecia nossa história e que o tempo teimava em estraçalhar. Ela esperou eu partir para se expor, e esperou eu me partir. Uma promessa que veio depressa como o vento, mas que esqueceu que sou como pó - e o vento me leva. Vento, lento, vento. A simultaneidade, para nós, é paradoxo. Eu vou voltar, ela sabe. Não vou ficar, mas quem sabe ainda sobra um espaço para que possa guardar o meu amor toda vez que eu voltar. Foi assim que entrei na cozinha dela esperando um café. Puro, por favor. Ela me veio com um



café forte demais, amargo demais, e um pão francês cortado ao meio, na horizontal. Cada banda de pão para cada boca ainda com gosto de madrugada. Bebi o café não por ter que acordar, mas porque o calor me dilatava e precisava sair de mim. Me vejo deslizando atônita, como uma janela, em ideias que me levam para perto do seu viver. Deixar desviciar seu ar, essa janela já aguentou demais. Os raios de sol tocavam sua pele como tocavam meus cabelos e eu tenho raiva de todas as pessoas que me chamaram de leãozinho antes que ela o fizesse. Porque sei que ela o faria. Mesmo sem saber, eu sei. Seu leãozinho. Mas não importa porque abri a fresta e me deixei entrar. Se me permiti, então faça-me o favor de me deixar ficar. Não me venha com abreviações, meias palavras ou pontos finais; me venha com expressões, divagações e vírgulas porque meu silêncio é metade do meu sim. A outra metade não me sai em palavras porque ela as roubou de mim, tomou-as para si e guardou-as em sua boca amarga de café. Sou leitora, sou leite e locus. Sou cada hora somada em nossas distâncias e me pergunto se, de tanto se somarem, vão dar a volta e se enroscar e a gente se encontrar. Tiro os pés da cadeira de vime, transbordo da leiteira e escancaro a janela porque se a gente fosse, a gente seria em todas as partes, inclusive nos hiatos.

Spring 2018

Leith Camar

AÑORAR

Añoro el camelo en la cama,  
el dulce de tu boca  
en la mía, cada mañana.

Añoro cuando tu cabello  
corre libre por las sábanas,  
echando raíces en mi almohada.

Spring 2018

## LA SOLEDAD DEL ESPEJO

Se ahogaba en sus reflejos cuando contemplaba la soledad más allá del espejo. En otros momentos hubo quien poblara el espacio que quedaba en él, unos ojos a los que mirar más allá de la vítrea verdad.

Cuando le atacaba la rabia deseaba romperlo, resquebrajar en guijarros cada una de sus partes; dividirlo y mermarlo hasta que cada pedazo fuera una estrella en su suelo, dividiendo su malestar por todo el universo infinito.

-¿Cuándo se acallará mi pena? ¿Cuándo dibujarás una sonrisa en mis ojos tristes?

El espejo nunca respondió, él era solo un mensajero que llevaba la verdad en la luz que reflejaba, igual que el mar nos trae mensajes en botellas.

Un día se dio cuenta de que ella era toda la silueta que necesitaba encontrar al otro lado del espejo. Dejó de vivir buscando una nueva vida, dejó de frustrarse y decidió aceptar que ya se había ido, esa persona nunca volvería, sus caminos se dividieron.

Por un momento fue libre, salió a andar por los canales, mirando en el río las imágenes que se formaban bajo el Sol. No estaba sola, pájaros, árboles, farolas y puentes se unieron a su reflejo.

Ernest Carranza

## (DES)RUPTURA

Sentado en el banco, incómodo por el extraño diseño y el frío inhumano del acero, acomodó sus nalgas por enésima vez. Trataba de centrarse, de aislarse por un momento del runrún hermético, del vaivén incesante de caminares, de la asfixiante compañía de su especie. Auriculares al oído, música de jazz y un procesador de textos en blanco. Un mapa virtual y un enjambre infinito de círculos diminutos en cuya maraña, quien sabe, podría hallarse la calidez de un hogar. Nombres, números y pestañas abiertas en el navegador, donde las ventanas parecían amontonarse en cascada como cartas de una baraja infinita. No, no haría eso, porque apenas había tenido aún la tentación de extraer el portátil de la mochila. Absorto, apenas había conseguido salir de su ensimismamiento, del torrente de pensamientos que lo acuciaba y atenzaba y condenaba momentáneamente a seguir perdido en la inopia.

Lo había dejado todo atrás. Se había desprendido del pasado como quien deja un coche en el garaje para siempre, sabiendo que el auto estaría esperándolo diligentemente hasta el día en que decidiese volver. Se iba con el convencimiento —si es que hay convencimiento posible— de que era ahora a nunca, cara o cruz, punto de inflexión, la inercia del riesgo. Había renunciado a un futuro prometedor en la agencia, qué crack estás hecho, el

Spring 2018

tío más creativo, tú apuntas alto, un fenómeno, tengo proyectos para ti. Pensaron que a más palabras melifluas, a más lisonjas oportunistas, a más augurios triunfales, más alimentarían su ego, más lo anclarían a la roca. Erraron sus quinielas. Tenía treinta y cinco años y la sensación de estar haciendo el trabajo más divertido y mejor remunerado del mundo. Por eso lo dejó.

Observaba con detenimiento a los empleados de limpieza y trataba de verse reflejado en ellos. Empujaban sus carritos con parsimonia y agarraban los utensilios con desdén, quizás pensando en el huevo que batirían para la cena o el thriller que piratearían en Internet. Los veía y se reafirmaba en su proceder. Estaba seguro de no poder soportar la rutina de confort, la anestesia de lo previsible, la sensación de ser apenas una tuerca en el engranaje de la rutina, la marioneta que permite mover los hilos. Había truncado tradiciones, había roto continuidades, había quebrado equilibrios inquebrantables. El destino no escrito de la familia. El lamento sutil de los amigos. Pero a dónde vas a ir con lo bien que estás, y qué vas a hacer, pero tú sabes lo que estás diciendo, como aquí en ningún lugar, pero volverás pronto, ¿verdad? Una fuerza lo impelía, él no sabía por qué, ellos aún menos. Era nadar a contracorriente, lo cual era bueno porque lo hacía más fuerte, lo cual era malo porque lo agotaba rápidamente. Su causa no tenía más abogado que él mismo.

Señores y señoras que limpian, facturan maletas o escanean pasajes sumidos en la comodidad de la reiteración, ebrios de tranquilidad. Los admiraba y, por

qué negarlo, quizás también los envidiaba. Ellos no tendrían que soportar el peso de la disyuntiva ni expedir justificaciones constantes, sírvase usted mismo. No tendrían que hacer del trabajo su vida, hipotecar su mundo a cambio de una pizca de motivación. Perdía la mirada por la inmensidad de la terminal, el imponente amasijo de hierros, las colas impacientes, el bullicio de las puertas giratorias, el ajeteo de los mostradores. Fijaba sus pupilas en los paneles electrónicos, dejándose llevar por el frenesí del cambio, sin saber si lo que veía en las hipnóticas luces le gustaba o no, porque le recordaba el vértigo que acaso había olvidado. El aeropuerto era el negativo fotográfico de su estancamiento. Desde pequeño soñaba con aquellas cuatro paredes y su ir y venir de gentes, puerta a lo nuevo, pasaje al deseo, entrada a los mundos que algunos parecían querer limitar con telúrica terquedad. Era oír el eco enorme de los pabellones, era palpar el mármol de las columnas, era ver el brillo centelleante de ventanas y rótulos y transportarse a otra realidad.

El recuerdo de la infancia lo apartaba momentáneamente de la congoja pero no conseguía cesar sus tribulaciones. Truncar algo que nunca se debería haber truncado, huir de un país donde uno sólo se va si le echan, irse sin la épica del no hay más remedio era tan alentador como temerario. Dormitaba en la terminal y despertaba con la ilusión de que aquello fuera un espejismo, una pesadilla que lo hubiera sobrecogido momentáneamente y que desaparecería rápidamente como el agua de lluvia que se pierde por el imbornal. Fantaseaba con el Deus ex

Spring 2018

machina que lo libraría de la culpa del desertor y restablecería por fin el orden perdido. Se imaginaba departiendo en la sala más angosta de su antro de juventud con Félix y Antonio, escudriñando las mejores calas de buceo con su tío Roberto y su primo Alfredo, mostrándoles la última joya del cine independiente a sus padres Manuel y Teresa, trapicheando información con los amigos sobre Carla —su último desamor—. Por un momento se vio saboreando el chocolate a la taza en la vetusta cafetería del centro, admirando las recónditas galerías de arte del barrio judío, visitando a Emilio —el viejo profesor de filosofía con el que había matado tantas tardes de domingo—, rastreando con fruición el stock más reciente de vinilos de Peter, su coleccionista de guardia. Estampas de vida sucediéndose como fotogramas en un carrete, instantes que lo atrapaban y lo lastraban como el chiquillo travieso incrustado en la pierna que apenas deja andar.

La realidad, obstinada, se empeñó en hacerle ver que había dado un salto al vacío. Ya nada sería igual, porque algunas complicidades quedarían rotas para siempre y porque cuando volviera de la tierra de las oportunidades él sería otro y los demás también. Creyó que la desruptura, como el desexilio, sería un plato indigesto que algún día tocaría degustar. Como el espejo que se rompe y ya nunca queda igual por mucha cola y esmero que uno le ponga. En ese instante quiso que la llamada de su vuelo al JFK no se produjera jamás, que el tiempo se congelara y que las agujas del reloj frenaran en



Zona de Carga no. 9  
seco para mantener la certeza de que aún había vuelta  
atrás.

Cinco años después volvió. No había encontrado lo  
que buscaba. Sin duda, volvería a hacerlo.

YO, VOS, OTROS

Supongamos que yo y vosotros fuéramos uno. Supongamos que esa ristra de retazos, momentos, acciones, devenires y acaecimientos dispares que la masa ha venido a llamar persona existiera realmente y que pudiéramos efectivamente fundir nuestros seres en algo presuntamente unitario. Supongamos que el nombre hiciera la cosa y que siete letras pudieran enunciar lo que dentro de nosotros mismos no es más que entropía y desconcierto. Supongamos que las desarticulaciones, desacoples, desconjunciones y desinserciones que una simple observación revela no fueran más que una ilusión para obnubilar nuestra única y estentórea condición.

Entonces, si así fuera, ¿a qué pretender que no hemos sentido nunca el despecho del extrañamiento propio, cuando el espejo nos ha devuelto esa imagen distorsionada de nosotros mismos, que no es sino la pura realidad? ¿A qué figurar que nunca, nunca, nunca hemos sentido el oprobio de vernos desde fuera, el escarnio del hombre que se sabe mucho menos de lo que se creía? ¿Para qué la farsa del ser íntegro y ejemplar alimentada por una cadena de complacencias interesadamente sincera, por ese sistema que premia la idea y condena lo íntimo? ¿Acaso no estamos sino abocados a la continua representación del “yo”, en perpetua proyección engañosa?

Os miro desde la compunción, desde la vagamente determinada intención de establecer nexos. Creo ver reflejos de un pasado común que pugnan por salir a la

Zona de Carga no. 9

superficie como burbujas en el agua, que se desvanecen como montículos en el desierto. Me invito a pensar que tú, tú, tú y vos tenéis, tenés, algo que me pertenece, quizás viceversa, o quizás es demasiado aventurar que ese cinco años antes, ese holograma de instante pretérito tuviera la menor relación con cualquier presente. Tal vez sea exacta la ficción que teje la multitud día a día con su anhelo de singularidad, cargándonos constantemente en su afán acusador. Negativo. El hilo se rompe tan pronto como uno decide cortar la identificación con sus múltiples culpas.

El humano se revela en lo que evita y se define en su indefinición. Inútil aspirar a ser poco más que una entelequia parcheada de verdad. Si algo os distingue es que no somos lo que creo ser. Somos tantos entre uno.

Spring 2018

Maia Evrona

CAMINOS DE SEFARAD

Synagogues turned into churches,  
repurposed walls from the ghetto  
in the old town of Sevilla,  
a tomb facing east in a parking lot,  
a mikve under the museum of El Greco.  
One synagogue left in Andalucía,  
a couple in Toledo  
an ancient one in Barcelona,  
and tiny tiles to mark the way  
for us less common pilgrims.

Spring 2018

Romeu Foz

## O ESPIRRO

Uma tímida luz insinuava-se pelas frinchas velhas das persianas. No calor saturado do quarto, o seu bojo empinava-se sobre a matéria espapaçada do pénis, que jazia entre a geometria desengonçada das pernas. O silvo do seu ronco molestava o silêncio do quarto numa cadência assassina de contornos insuportáveis. A seu lado, ela. O sol beijava-lhe os pés. Mais acima, uma outra réstia de sol entrava-lhe pela pele, enterrava-se no meio do seu corpo, entre suas pernas. Se esperasse um pouco mais, uns minutos, uma eternidade, talvez este amante de luz lhe mordicasse o seio esquerdo, desenhando no bico deste a rigidez de uma tépida excitação. A força do sol intensificava-se, os raios penetravam agora com mais vigor. Os seus dedos masturbavam-lhe diversos pontos do corpo, num mapa de mornos prazeres. Sua cabeça deslizou um pouco, esboçando um tímido abandono de virgem envergonhada, e uma língua de sol lambia-lhe os olhos, envolvendo-os numa libidinosa maré de luz. Um esgar apoteótico adivinhava-se nos contornos húmidos de seus lábios e as narinas, essas, contorciam-se numa dança de palpitações excitadas. Repentinamente, um abalo. Uma explosão ejaculatória quebrantava toda esta coreografia de volúpias e um rasto de mucosidade esparramava-se em mil partículas pela atmosfera do quarto. Em busca de um lenço, abriu a gaveta da mesinha e embarrou num livro.

Spring 2018

Tirou-o para poder remexer à vontade na tralha que entupia a gaveta. O ranho escorria-lhe do nariz. Os lenços de papel não apareciam. Sem se preocupar, deixou cair a cabeça na almofada, puxou o lençol e permitiu que este roçagasse no corrimento. Após algumas fungadelas, pegou no livro que retirara da gaveta e deixou que suas páginas distraídas corresse por seus dedos alheados. Ela não tinha por hábito ler. Não conseguia entender como é que alguém retirava prazer desse tipo de coisas. Lembrava-se que o livro lhe fora oferecido há muito tempo num dos seus aniversários de juventude. Desde aí, o livro andara aos trambolhões, de caixa em caixa, de gaveta em gaveta. Seus dedos, ainda húmidos de ranho, estancavam agora numa das páginas.

O relógio arrastava-se no seu tique-taque infundável. Ele continuava no seu ressonar assassino. Ela ainda folheando. Debicava palavras soltas nas páginas amareladas deste livro que lhe fora oferecido. Não se lembrava é que quem lhe dera o livro fora o seu primeiro amor. Talvez descubra nas últimas páginas um poema de António Gedeão que ele transcrevera e aí se lembre do que não devia ter esquecido.

A fome apertara. Fora até à cozinha. Mastigava apaticamente umas torradas besuntadas de manteiga. O olhar perdia-se em pensamentos ociosos. Dos dedos escorria-lhe um bocado de gordura. Passara as mãos pelo robe. Movimentos que o tempo transforma em hábitos. Hábitos que nos convertem em autómatos.



Cirandava pela casa à espera que a vontade lhe ditasse o que fazer. Lá fora, um sol que assassina vontades. Do quarto, sobrevinha-lhe o ronco do marido. Da televisão, ecos da noite de passagem de ano. Enterrara-se no sofá, o livro sobre os joelhos, aberto nas últimas páginas.

As frinchas dos olhos abriram-se. Um coquetel de odores pairava na penumbra do quarto. Os dedos, que deslizaram na baforada húmida das virilhas, passeavam agora pelas narinas. Estava enjoado, de ressaca talvez. Da casa, emanava um silêncio de mergulhador. Chamava por ela, ainda com a voz embargada pelos cigarros da noite anterior. Arrastara-se até à sala de estar. O dia declinava e uma pálida luz incidia sobre a mesa de centro. No tampo desta, um livro. Deixara-se cair sobre o sofá, um peso morto. Um pedaço de papel revolteava, caindo a seus pés. Vergara-se a custo para o apanhar, a cabeça latejava-lhe os excessos da noite anterior. A letra era dela, a mensagem era curta. *Não esperes por mim, fui procurar bebedeiras de azul.*

VAIDADES

Meu pai dizia que minha mãe se transformara numa estrela. Desta forma, a saudade batendo, poderia contemplá-la nas noites de cara lavada. Por vezes, em noites de verão, meu pai banhava-se na piscina. Dizia que ia conversar com minha mãe, refletida nas águas ainda tépidas. Era meu pai feito Macunaíma... Na altura em que meu pai resolvera construir a piscina, eu não entendera o porquê desse luxo. Perguntava-lhe se se deixara convencer pelas águas da vaidade. Depois, eu percebera que a superfície da piscina escondia razões mais profundas. Hoje, já me vejo conversando com meu pai em noites de verão, nas águas ainda tépidas da piscina.

\*\*\*\*

Por vezes, o olhar de meu pai exprimia o vazio de mármore antigos. Quase que apostava que nessas alturas ele viajava para junto de minha mãe, mas ele nunca me dizia em que pensava. Eu tenho para mim que há viagens que são para ser feitas às escondidas e não para ser postadas em *Facebooks*. Meu pai não tinha *Facebook*. Ele sempre dizia que não queria ter nenhum desses placares de vaidades, que não raras vezes despertavam a inveja de quem os visitava. Quando eu postava fotos de viagens que fazia ou partilhava momentos especiais que eu julgava pertinente ostentar, meu pai dizia “lá vais tu com tuas vaidades arranjar mais uns inimigos por entre teus amigos disfarçados”. Ele lá tinha as suas razões, as suas verdades,

mas eu contrapunha que vaidades e falsos amigos também os havia por aí, no seu mundo.

\*\*\*\*

Fixo meu olhar na matriosca que meu pai trouxera da sua viagem à Rússia. Ele trazia sempre um objeto das suas viagens, que depois espalhava pela casa. Os papiros imitando muita idade, mas pintados de fresco, as máscaras exóticas de Bali, o boomerang com pinturas supostamente aborígenes, o quadro amarelo pastoso de *Angkor Wat*, o calendário maia esculpido em madeira que o tempo já desbotou, os *tais* timorenses de motivos geométricos, a estátua de Homero, já com o nariz lascado, o berimbau do Brasil, a pandeireta de terras marroquinas... Estas eram suas vaidades que ele publicava no mural de sua casa. Este era o seu *Facebook*. Todos temos os nossos *Facebooks*. Fixo o olhar na matriosca e nela vejo a satisfação que meu pai trazia sempre que chegava dessas viagens. Surgia sempre rejuvenescido, com a ideia de ter conhecido mais uma parte de si. Parecia que andava recolhendo suas partes pelo mundo e que sempre achava algo que não sabia ter perdido. Ele sempre me dizia que preferia viajar a ter um bom carro. Como ele referia, “venho sempre mais rico das viagens que faço”. Fixo o olhar na matriosca e nela vejo que meu pai era feito de várias camadas. As palavras duras que envolviam seu ser escondiam sua sensibilidade. E cada uma dessas camadas revelava-se capa de uma outra mais profunda. Não sei se alguma vez cheguei a conhecer a última das suas camadas. Não sei se alguma vez cheguei a conhecer a mais profunda delas...

AMORES

Quando era nova gostava de prolongar as madrugadas. Aliás, ainda hoje gosto de sentir a noite acordada, de sentir as suas loucuras. Sempre que posso, saio na noite, enfio-me pelas suas curvas, de copo na mão, tropeçando de bar em bar. Nessas noites sonho mais facilmente. Não falo dos sonhos prosaicos que enchem a nossa vulgaridade. Não falo das viagens que voam nos cartazes das agências de viagens, nem dos euromilhões que nos sorteamos em horas de aperto, nem do amor fugidio em que nosso destino apostou, nem tampouco dos resultados clínicos que nossos medos transformam em saúde de ferro. Falo, sim, de sonhos megalómanos, de sonhos à Alexandre o Grande, à Napoleão, à Ícaro, à D. Sebastião, que irremediavelmente terminam num sobressalto de queda e ruína. Em muitas dessas noites eu terminava nos lençóis desfeitos de uma cama desconhecida, penetrada pelas dores lancinantes da ressaca de vodka. O bafo dos estranhos que naufragavam ao meu lado na cama quase sempre me queimavam os restos das asas da noite perdida. Eu era quase sempre a primeira a abandonar a liça onde nossos corpos coreografaram uma luta fingida de wrestling. Saía de pés na mão, procurando não acordar o pesadelo que ainda roncava numa chiadeira de álcool e tabaco. Saía sob o silêncio de uma morte, com todo o peso de um cortejo fúnebre arrastando-se em meus ombros caídos, em meus olhos cansados. Ainda hoje não entendo a razão destes

Zona de Carga no. 9  
amores à Lobo Antunes que terminam no chafurdar das  
águas tépidas de bidés.

\*\*\*\*

Foi numa noite em que o marulho do mar chegava até mim num marrar de touro enfurecido. Eu teimava na nossa relação à janela do quarto que alugáramos para umas miniférias. Teimava em fantasiar um castelo que, implacavelmente, as ameias dos dias continuavam derrubando. Revia na língua do mar as línguas ávidas de outras noites. Relembraava os beijos húmidos que agora ressacavam no fundo de mim. Atrás de mim, sabia-o vegetando frente ao piscar frenético do televisor. Sabia que seu mastro jazia na planura dos lençóis, debaixo dos boxers que lhe oferecera no último natal. A nossa última ceia já acontecera e não adiantava continuar a trair-nos a nós próprios. Foi nessa noite em que o marulho do mar chegava até mim num marrar de touro enfurecido que eu placidamente compreendi que o nosso amor fora vencido e os seus despojos amontoavam-se num passado de cacós.

Spring 2018

Jorge Hernández Lasa

LED (LIGHT-EMITTING DIODE)

Te quiero azul,  
siempre, nunca,  
con las tinieblas envolviendo  
mis dedos y mi aliento  
arrastrando tu piel. Te quiero  
azul en tu temblor caliente  
de sudario de luna.  
Sé, sabemos,  
el apócrifo arte  
de ver sin mirar,  
con párpados que se buscan  
en el crujir de oscuridad. Te morderé  
allí donde el meandro es culebra,  
allí donde las columnas encajan  
la gloria del arco ojival.  
Pronto, tarde,  
andaré por tus aires difíciles,  
agitando la rama en flor,  
mascando plegarias, rasgando  
versos de águila y nube.  
Cian, sombra,  
donde antes veía  
el destello inmenso  
del bostezo del sol.  
Ciego, sonámbulo,

Spring 2018  
por lumbres negras  
que alargan mi pena,  
pesar por pasar,  
solo una vez,  
por la meseta blanca,  
donde el día se viste de noche  
y la noche se acicala de día.  
Avanzo, retrocedo,  
por tu nada,  
lengüetazos sádicos,  
mano firme, batuta invisible,  
tocando sin dedos, leyendo  
bucles de cobre y riberas de ocasos  
color tormenta y azafrán.  
Bajo y subo  
el mundo;  
ramajes, mares,  
huesos, miradas:  
—azul azul azul—  
tu mismo tú  
en mis manos,  
robando al tiempo  
un minuto de paz.



SIN TÍTULO

Esto no es un poema de amor  
sino de urgencia.  
El tiempo palpita en un reloj automático.  
Pronto me iré y te miro,  
disimulando mal, ansioso e inconsciente,  
al igual que todos los hombres.  
Y aun así lo intento,  
a la distancia de una mesa de café,  
en una penumbra atenuada por mala música.  
Me defiando cruzando las piernas.  
Otro poco, un vistazo más...  
Sé que te estás enterando  
y me da igual.  
Yo, todo mi orgullo de palabras,  
busco en mi cultura  
y en el laberinto de mi idioma  
el adjetivo perfecto para describir  
tus dos ojos de invierno,  
dos iris de lluvia y rocío,  
la meseta de la jara y el enebro.  
Quiero poseerte a hurtadillas,  
resbalándome a bocanadas.  
Quiero correr gustoso entre  
tus pozos de jarabe y miel.  
Quiero ser el primero en pisotear  
la hierba que nace orgullosa  
entre los surcos de un camino.

Spring 2018

Pero me iré al fin, sin remedio,  
con ellos en mi mente,  
sin haber tenido el valor de someterlos;  
ellos flotando entre los míos,  
espectadores de mi impotencia.  
No me juego nada. Soy otra vida,  
aquella que se dice en damero y suburbio,  
aquella en la que las palabras siempre importan.  
Pero sábette orgullosa, zarza y romero,  
porque robas instantes al tiempo.  
Frasas que empiezan y no terminan  
en tus dos luceros, silencios tensos  
y gritos de horror cuando parpadeas.  
Me siento escribir dos veces  
este poema; apático, apenas  
triste, porque, ¿qué más da?  
No me juego nada.  
Y entonces, en una rápida finta,  
con movimientos que no se enseñan,  
puros como el juego de un niño,  
te abalanzaste y huiste,  
y supe inmediatamente  
que tus ojos solo se apagan  
en mí cuando me besas.  
Esto no es un poema de amor,  
sino de urgencia.

Carlos Martín Cabrera

LA SENSIBILIDAD DE LA BALA

Cuentan que acaso su único contacto humano fue el inevitable en el vientre de su madre durante los nueve meses de embarazo; una vez nació ya no volvería a sentir a otro ser vivo nunca más. Sin embargo, te puedo asegurar que en realidad las cosas no sucedieron exactamente así; nadie puede vivir sin contacto con los demás. Lo que sí es totalmente cierto es que este estuvo limitado a lo estrictamente necesario: ser alimentado, bañado, alguna visita al pediatra, y poco más. Es en algún punto impreciso en su adolescencia, edad en que se extravían las caricias, cuando realmente comienza todo; no volvió a tocar a nadie. Incluso se puede afirmar que, a partir de entonces, se valdría por sí mismo hasta el desventurado momento de su muerte.

Respecto a lo del perro, es verdad lo que cuentan. Cuando éramos niños, le gustaba pararse ante la casa del pastor alemán y pegarse lo más posible a la reja. Se acercaba tanto, que llegaba a notar en la cara el aliento del perro ladrando histérico. Solía decir que los ladridos ensordecedores de aquel pastor alemán le hacían sentirse inexplicablemente vivo y permanecía así largos ratos, ensimismado ante la reja. Al alistarnos en el ejército, no me cabe duda de que los gritos y el mal aliento del sargento le recordaron tanto a aquel perro que enseguida se sintió como en casa. Éramos unos niños el día que nos

Spring 2018

enrolamos; por aquel entonces no había nada mejor que hacer en Kansas, ni lo sigue habiendo hoy.

Cuando nos dimos cuenta nos encontrábamos desplegados en Irak, apenas completada la instrucción. Al llegar a suelo enemigo, las balas nos seguían a todas partes ávidas de sangre, los estallidos de las bombas sacudían la fragilidad de nuestras almas. Hay quien dice que fue una de las explosiones lo que sin duda lo trastocó; yo, que crecí con él, sé con toda seguridad que no tuvieron nada que ver.

Sucedió el día que caímos en una emboscada en Faluya, la Ciudad de las Mezquitas. Por suerte, conseguimos ponernos a cubierto y defendernos del ataque sorpresa. Atrapados en fuego enemigo sentíamos el plomo diluviar a nuestro alrededor. Entonces le vi apuntar a un atacante con su fusil M16 y abatirlo de un tiro en la cabeza. Acto seguido algo lo sacudió por dentro; se quedó ensimismado, igual que hacía de niño ante la reja del pastor alemán. Permaneció así hasta el final del enfrentamiento. Una vez de regreso en la base, le comenté lo sucedido. Aún algo confundido, me explicó que había experimentado una sensación desconocida para él. Intuí que el dolor de aquel iraquí al recibir el impacto de bala había agrietado su insensibilidad, pero jamás imaginé lo que estaba por venir.

A partir de ese momento su conducta, aunque valiente, rozó el consejo de guerra. Acumuló varios expedientes disciplinarios. Se arriesgaba demasiado poniendo en peligro las operaciones, su vida y la de los

demás. La tropa lo adoraba, les infundía coraje tener a una especie de Rambo de su lado. Pero allá no estábamos en ninguna película, era una lucha constante por mantener el horror a raya en un lugar en el que se expandía a sus anchas por todas partes. A la siguiente que montara se le iba a caer el culo, le dijo el comandante. Pero él no jugaba a ser un héroe, ni siquiera era su intención perjudicar a la unidad. Una fuerza desconocida lo poseía llevándolo a cometer aquellas imprudencias, hasta que sucedió lo inevitable.

Durante el ataque a una posición enemiga, volvió a desobedecer las órdenes y se expuso abiertamente al fuego enemigo. Corría hacia donde venían las balas como el que se reencuentra con sus seres queridos. Como si cada bala fuera una caricia perdida, un beso lejano, un abrazo ineludible. No tardó en recibir un disparo en el pecho y caer al suelo formando un charco de sangre. Cuando pudimos llegar hasta él aún estaba consciente. Moría irremediamente, pero sonreía. Le pinchamos morfina para robarle el dolor a la muerte y permanecemos a su lado aquellos instantes que sabíamos serían los últimos. Inconscientemente anhelaba sentir a otro ser vivo, y vaya si lo logró, aunque fuera de forma tan insólita. La autopsia tan solo revelaría lo evidente, el impacto de la bala le había partido en dos el corazón.

Spring 2018

Fernanda Martínez Varela

GÉNESIS

I

no señor dios quise masticarle los tobillos  
encallar los pedregales en los párpados  
astros muertos noches viejas honduras  
ríos por debajo de las córneas  
un puente de espinos anchos

sí señor dios padre fue el amor el rezo decir tosco tenso  
la quebrazón el roce agolpa carnes el ensanche  
sí señor dios haz me dijo zanjas aquí altas  
llénalas de vientos susurros soplos  
los abismos de gemidos llenos  
en los potreros de la muerte tú

te fuiste metiendo en las uñas  
te fuiste metiendo en mis dientes astillas insectos jardines  
te fuiste metiendo en los ojos picores rastrillos sacos de  
mejillas secas

el horizonte donde cuelgas cabellos que arrancas  
los días que el tragaluz de tu cuarto me roba

la luz que regresa

Spring 2018

en lugar de la imagen  
a la pupila

te fuiste metiendo en las uñas  
te fuiste metiendo en mis dientes cordilleras de gusanos  
blancos  
te fuiste metiendo en los ojos elefantes enterrados en  
ciudad cosmopolita

y un león bajo el mar  
comprende su ternura

sí señor dios padre  
la caricia amansa ronchas  
fue el amor dilape de soberbia  
le besé encías todos los manzanos verdes  
la carne arrojé en ella larga  
en ella ancha

te fuiste metiendo en las uñas  
te fuiste metiendo en mis dientes arañas la boca restos de  
vidrio  
te fuiste metiendo en los ojos valles de siegas de piel  
ruidos que escondes de la luz

un ave que pende  
de su ala el cielo



Zona de Carga no. 9  
no señor dios padre  
abríanle abrazos las gradas de pasto macizo  
los pies sumergidos el ámbar los maderos viejos  
la lengua relame cortezas las yemas los cueros las púas

y pensaba en ropas dignas que le asienten  
cuellos que alarguen sus aúllos

telas que se cortan con las yemas  
pensaba qué telas prefieren sus dedos  
las que tienen aire o ramaje de hilos  
resbalan del muslo se quedan  
en los senos derredor  
las hojas de los pinos telas  
las cortezas todas también telas  
y cada tela un matiz de tacto  
inclinada a lo más hondo

te fuiste metiendo en las uñas  
te fuiste metiendo en mis dientes madejas pellejos  
alambres  
te fuiste metiendo en los ojos un barco en un río de costras  
apresa en sus mallas rodillas tropiezos cráneos

estatuas que cales se rascan corren  
tropiezan caen de bruces pasmadas  
al barco pesquero al puente tendido  
cuerdas tendones se estiran ganzúas  
desplomán la vista el rostro turbado

Spring 2018

vuelven a echarse la cal ellas solas

y pensaba en ropas dignas que me asienten  
llevar sobre mi piel la suya puesta

untarme en las mejillas sus sudores  
reconocernos pese a los pelajes  
estrechar bulbos rabias laderas

las lenguas unirmos  
la espina de un cactus

tener por idioma común  
la insolencia

te fuiste metiendo en las uñas  
te fuiste metiendo en mis dientes machucas plegarias  
te fuiste metiendo en los ojos macetas de gredas calientes

como dos tazas de mar  
recién hervidas

II

y amanecí  
con ella dentro  
pero yo fuera

saludé a un aire

Zona de Carga no. 9  
con gritos que aprendí  
a respirar

jugamos a leernos  
las palmas de las manos  
y las plantas de los pies

jugamos a corregir  
las líneas de las palmas con cuchillos

llamé al porvenir  
con el cuerno de un búfalo  
que había en su cama

vi el desierto que cabe  
en lo que se nombra

y un rayo que reza  
su luz derramada

### III

hoy todo se duele  
a mi paso tendones arrastra  
los muslos raspados y también los codos  
los árboles corvos enfilan angostos pasillos  
dicen que sí a casi todo sí que se hagan  
repiten follajes alfombras espesas de hojas

Spring 2018

traigo mechones que adornan mis puños cabellos del largo  
del grito

dichosa la grama que extiende sus brazos a los míos  
anchos bendije

sean dichosas de urdirle paisajes detrás de los ojos  
sean dichosas de hallarle la gota que a mí me privase

la luz que se posa en la forma que apresa  
lejanos barrancos de luz que los días desploman

salto entre charcos  
charcos hay largos de un siglo pensé con los pies en el  
agua

masco cangrejos la cola de peces que nadan de espaldas y  
dejo

algas me caigan al cuello me cubran el pecho me entibien  
la falta de ella pegada

llenándome huecos

más primitivos

un desierto que cabe

en lo que se nombra

guardo su cara en peñascos

parto el quejido primero por sus jadeos cruzo

a coro susurros que sí a casi todo sí que se hagan distintos

los soplos

el vendaval conste de brisas acariciándose unas a otras

apártense los átomos

estallen las rocas y a todo decían que se haga que sí

Zona de Carga no. 9

la boca pegada a su aúllo  
la lengua masilla aún erecta

el llanto de un muerto  
recién nacido

oscuridades que se palpan  
como un puñado de venas

y pasaron de acá allá los huracanes  
gruesos silbidos callaron para oír la gemir  
luego los vientos menores ráfagas susurros soplos

y detrás de los murmulos  
iban las piedras marchando por cordilleras y bosques  
marchando de un abismo al abismo el pesar de su ley  
y treparon las nuevas noches de sus pájaros estelas  
erguíanse las noches viejas entre montes piedras bosques  
o era conmigo larga conmigo ancha

y la tierra pujando las aguas  
el viento puliendo a azotes las canteras  
el agua pujando la tierra las olas orillas  
canteras muelles sus huesos adónde

y cayeron las montañas en cascadas de mugre  
cuando otras se elevaron al caer de las cascadas

Spring 2018

y los ríos entrenzados bajo los suelos  
se arrastraron las sierpes de raíz

iba escuchándome antojos que presto me acato  
varadas muñecas rodillas un puente de espinos ahí  
un río de costras luce sus tropiezos bajo el agua  
estatuas que allá van a rasgar la cara  
encima y aún fijo un gesto menor  
los ojos cerrados  
detrás de la vista

me hurgo las olas del pelo me arranco los años  
apilo los soles que apago con lluvias de siglos al este  
el resto de luz apaleo una sombra de su ícono llena  
me cubro de cuerpo y levanto  
pináculos luego ecos bendigo  
diciéndome al tiempo  
que dije se haga  
que se haga que sí

carnes perforadas por pistilos  
huesos perforados por pistilos

y en un círculo de estatuas  
me empedré los ojos

y me recé los labios  
al morderlos

Willy Palomo

PRAYER TO ABUELA TINA

don't let me lie about how hard you worked  
Abuela you almost killed yourself  
providing for your children i have heard  
the legends of the woman who slaughtered  
three pigs before the sunrise had them butchered  
and packaged by dawn had chicharron by eight  
had fritada by ten and pupusas by noon  
if only illness was a pig you could tie  
by its legs if only you could hang illness  
from a tree and slit its throat to stop  
its squealing Mama couldn't even walk  
Abuela if she died ¿would it have been  
your greatest failure? the infant daughter  
who passed poisoned by the warmth of your milk  
when your mother tried to take the child  
from you you almost did not let her  
*she is doomed* you said *she will not survive*  
rocking Mama in her arms she told you  
*if your daughter dies we will bury her*  
*but if your daughter survives she is mine*  
¿how sure were you when you let her take  
Mama away? ¿was it hope or despair  
that let you surrender your daughter?  
¿how grateful were you to see her survive?  
¿how hurt were you to lose her anyway?

Spring 2018

¿how much must I love someone  
to abandon them? ¿what do you do  
when they do not return?



Cristina Elena Pardo

SILENCIO DEL PAISAJE



serodía una tectónica le n t a superficie desdobladura formada avalanchas termina por  
 al tanteo una abiertísima le n t a nubes llanuras la tierra bajo casa resguarda un hombre a  
 un hombre una ruta de piedra le n t a galería cuerpo rasgado de lleno de garantía obrar hierros  
 al desamparo un extremo disemina le n t a deshilacha hogar ubres conclusas todo esto a destiempo  
 explorar el caleidoscopio a contra vez le n t a para quien espera un temerario hombre que pone trampa  
 serodía incluso una resta al que espera le n tamente una temeraria roto fastasma niebla diluida en cal sí  
 tantear para guía una tectónica inmediatez reconciliadora los contratiempos el fugaz ser voraz hiel formas  
 hombre ruta o forma una raíz dolor y trizas sobre los techos camino de vuelta al desdibujar el dócil rehacerse  
 desamparar la casa reloj una varice que late entre la tierra fresca guardarse un relato abajo se esfuma de caer  
 explorador hombre teme a la fijeza silencio del paisaje su ruptura alineamiento abiertísima piedra única guarda  
 el peso y arrastra qué fugaz donde se ahoga bordeando su sombra destituye dejadez frontera de quien apaga  
 las luces al caer la niebla un confin definiéndose sobre casas un hombre a un hombre hurgando bajo humos o  
 bajo gotas romper fantasma ilusión guante que rasga un techo escribe los relatos al oído uno desdibuja formar  
 un solo hombre el fugaz ser que late entre su resto tierra mojarse de altura le n t a superficie desdoblado  
 la casa escondiéndose guardián tierra mojarse ajena temerario piedra única le n t a nubes llanuras la tierra  
 que arde bajo pie interno la forma paciente definir el silencio del paisaje trizas le n t a galería cuerpo rasgar  
 de sí que late entre la sombra dolor para quién espera al temerario hombre arde le n tamente un hombre a  
 un hombre una ruta de piedra lenta deshilacha hogar ubres conclusas todo esto a destiempo explorar un  
 paisaje su silencio como casa horizontal de ser más transparente roto fantasma hiel serodía una tiempo

Spring 2018

Florangel Reyes

A RELOADED REMIX ON A JUNOT DIAZ THEME: HOW TO  
DATE A BROWN GUY, BLACK GUY, WHITE GUY OR AN  
ASIAN<sup>1</sup>

If you're stuck in a rebellious stage and looking to piss everyone off, bringing home some tattooed and pierced white guy probably won't do the trick. Unless he's been convicted of a very violent felony, there's a strong possibility your ethnic parents will still like him. If you're a good little immigrant daughter, who still lives at home despite being almost thirty and you'd rather let your family think you're a weirdo misanthrope than introduce anyone to them, wait until your older sister, her two brats and your mother have left the apartment. You've already told your sister you have un montón de shit to do and you can't watch her kids. She didn't believe you, but she found another victim and told you, "Fine, you lying loser." Don't feel too guilty. Your sister spent her college years juggling school and motherhood, and is just trying to catch up on her partying. Your mother conveniently works six nights a

---

<sup>1</sup> One of the stories in *Drown*, Junot Diaz's short story collection, is "How to Date a Brown Girl, Black Girl, White Girl or a Halfie". Years later, Nelly Rosario wrote a response to this story, "How to Date a Thug, Art Boy, Nerd Boy or a Papichulo: a Remix of a Junot Diaz Theme". As suggested by her title, Rosario's story does not necessarily focus on issues of race, but even if she had, there is still room to playfully and seriously explore the themes originated in Diaz's story.

Spring 2018

week and she would never ever, not even during a natural disaster, or a terrorist attack, miss a day of work.

If your parents were crazy enough to blow their life savings on one party, then hide that picture of yourself at your quinceañera, where you're sporting the crunchy curls and shiny-gallons-of-gel-cowlick-bangs plastered across your forehead. If the guy is as ghetto fabulous as you, any drawer will do, but if he can't really relate to your world, hide it in your mother's tacky vanity dresser. Yes, the dresser whose mirror is almost completely covered with funeral memorabilia, the dresser which proves that your mother resembles your grandmother more every day. I promise you, no guy will want to go near it.

Before showering, wrap your hair in a tight doobie; cover it with an old clean shirt, a plastic bag and a shower cap. When the guy arrives, you will purposely take out the booby pins in front of him. He will say the doobie brings out your good bone structure. Don't insist that it's not really a hair-do. Instead, sit up straight and play the part of an ethnic goddess. But, if you're one of the black and brown women who have gone all "naturale" and have declared "F straight hair and the salon," then you've been a badass goddess all along, *baby*.

Wear the tightest jeans you own. (This will be explained later.)

If you and the date are taking the train, or walking somewhere close by, don't point out the alleyways where you made out with boys during middle school and pray you don't run into your exes who still live on your block.

The worst ex is Street. Yes, that's his nickname which he's trying to live up to. That 6'3, lanky, brown pretty bastard should be strutting down a catwalk, but instead he will be sitting on a milk crate and when he sees you passing by he will say, Yohanny, I know that's not your bitchass boyfriend. You'll ignore him of course. The lesser of two evils is Amaury, who though he means well, will still sound sexist when he tells you, "Your body is your temple, mi hermana". The old folks say he has some loose screws, but they only think that because he's one of the few Latinos they've seen with dreads –Toño Rosario<sup>2</sup> was probably the first. Your dark-skinned grandma still hasn't gotten over Toño's hairstyle and clothing choices. Every time she sees him on TV, she screams at the screen. "Look at that prieto with long blond hair and a skirt!" In reality, grandma is just jealous that Toño rocks those bleached dreads and kilt so well.

Even if you could carry the entire conversation, hear what your date has to say, he may surprise you. A black guy may tell you not to worry. He's very aware of your mother's deep-rooted fear of having grandchildren even darker than you. But, he is confident, that if he hangs around long enough, your mother will remember why she fell for a man as dark as your father.

---

<sup>2</sup> Toño Rosario is a Grammy nominated Dominican musician. Think of him as the Michael Jackson of merengue. He had a successful career with his siblings before branching out into a more successful solo career. He is known as much for his music as for his alleged drug use and eye-catching clothing choices.

Spring 2018

You have female friends who were dumped –one by a Korean, one by an Indian– because both guys were under family pressures of Montagues vs. Capulets proportions. You're not a bigot, so you won't assume all Asians are alike and still go on that date with the Filipino. Maybe you can break the ice by discussing why he has a Latin sounding name or you can make a fool of yourself by naming all the Asian food you like. If things move along, don't be surprised if you have to work hard to convince his Asian mother that you're not a slut.

The Portuguese guy from Jersey or the half Italian/half Irish guy from Queens may start calling you "Babe" by the end of the date. But, if he or any other guy says that he loves dating immigrant "girls" because "you're so family-oriented and traditional," restrain yourself from burning your bra and slinging in his face. He means this as a compliment. He has no idea those words trigger thoughts of your aunts slaving over no good men.

The reason you should be wearing the tightest jeans you own is because not only will they make you look good, but in case you and the guy hit it off, they will prevent the easy access of a dress or leggings; therefore, giving you more time to remember that, though you're a modern, liberated woman, making him wait is the only error-proof way to prove to these hypocrites that you're a lady, dammit. When the guy (of any ethnicity but your own) is ready to lose his mind over the beauty of your otherness, you should randomly start telling him "fun facts" such as the reality that the Dominican Republic celebrates its

Zona de Carga no. 9

independence from Haiti, not Spain, or any such thing that will inform him of your wokeness. The man you end up with needs to grasp that you won't settle for being an exotic trinket on anyone's mantelpiece.

Spring 2018



Cristina Zabalaga

## MIEDO

*Todos los elementos del relato se encuentran al servicio de una intriga.*

A los tres días me subieron a un bus que partía rumbo al norte. Me acurruqué en mi asiento y me quedé profundamente dormido. Cuando desperté, no vi palmeras, arena blanca o mar. Sólo había edificios y letreros enormes con palabras que no entendía.

¿Qué pasó con las palmeras? Pregunté a mi tía.

Ella me miró confundida, y luego corrió a abrazarme. Mi tío me dio la mano, como papá, sólo que la suya no era frágil y pequeña, me sorprendió la firmeza de sus dedos en contacto con los míos. Hay tantas maneras de dar la mano, pensé.

Lo primero que hice cuando llegué a casa de mis tíos fue hablar con mami por teléfono. Ella habló a toda velocidad, casi no entendí lo que decía. Todavía me sentía mareado y débil. Antes de que me colgara el teléfono me dio tiempo para decirle que saludara a mis hermanos, solo entonces me di cuenta que no me había despedido de ellos.

A veces me siento como un intruso en casa de mis tíos, ocupando el lugar que era para otro. Para Miguel Ángel. Era un buen chico. Murió antes de tiempo, dice mi tía suspirando. Tuvo mala suerte, añado por decir algo. Pobre.

Spring 2018

Salió a la calle justo cuando comenzó el tiroteo que ni siquiera iba dirigido a él. Tengo un cuarto para mí solo. Puedo pararme de cabeza si así lo quiero. No hay nadie que me diga lo que tengo que hacer. O que me robe la almohada. Se siente raro. Nadie se tira pedos en medio de la noche. Tengo mucho espacio a mi alrededor. Extraño los chistes de Ramón antes de dormirme. A veces me siento muy solo. Paso los días mirando la tele.

Mi tía se disculpa porque no puedo salir con ellos los domingos. Hasta que llegue la carta es mejor que no salgas. No puedo ir al supermercado, a la misa, o sentarme en un parque a tomar el sol. Tampoco me llevan donde sus amigos. Mejor que nadie se entere de que estás aquí, me dice con pena.

Sueño con una pizza XL para mí solo, dos pizzas al precio de una. Una Coca-Cola gratis con dos porciones de alitas de pollo. O una porción de helado y un donut si compro dos hamburguesas con queso. Mami me reta por teléfono. Miguel no vas a comer más de la cuenta. Después no vas a entrar en tus pantalones, ni en tus calzoncillos, escucho la voz de Ramón riéndose detrás de mami. Silencio. Golpes. Gritos. Seguro que a Ramón le toca hoy el cinturón de papi, pienso con envidia.

*El suspense no se define por su tema, sino por la forma de acercarse a él.*

Un día, a media mañana, se va la luz. No puedo ver la tele. No tengo nada que hacer. Me aburro. Hago un par de

abdominales sobre el suelo de mi cuarto. Vuelvo a tender mi cama, estirando las sábanas con mucho cuidado. Decido salir afuera. No lo pienso dos veces. Recojo la llave de la puerta que mi tía dejó en el cajón de la cocina, sólo para una emergencia, me dijo muy seria. Esta es una emergencia, pienso. Se ha ido la luz. No tengo nada que hacer. Estoy aburrido. Giro la llave con mucho cuidado. Escucho la voz de mami. Te vas a portar bien, como un hombre, cuidado de hacernos quedar mal. Las advertencias de mami suenan cada vez más bajito, a veces no llego a entenderlas.

A partir de ese día salgo todos los días. Una vez en la mañana antes del almuerzo, y otra vez en la tarde, antes de la cena. Lavo los Nike blancos en el baño, a la vuelta, para que mis tíos no se den cuenta. Luego los seco con papel higiénico, con mucho cuidado, y los dejo guardados debajo de la cama, hasta el día siguiente.

*El género pretende provocar interés a partir de la expectativa.*

Cada día me animo a ir un poco más lejos. Sospecho que la carta de la que habla mi tía no llegará nunca. ¿Y la carta? Pregunto todos los días cuando la veo aparecer con el correo. Mañana, dice ella, tratando de parecer optimista. Mi tío no dice nada, aumenta el volumen de la tele para no escuchar lo que decimos. Siento un hueco enorme cuando pienso en Talanga. En mami, que no se puede pintar las uñas como la tía, en papi que se levanta tarde, y no de madrugada como el tío. Nunca pensé que llegaría a extrañar los gritos de mami, o el cinturón de papi.

Spring 2018

Hablamos cada vez menos. Mami me bendice con alguno de sus Santos, manda saludos de parte de todos y se despide corriendo.

Debe pensar que me estoy *agringando*, como los tíos.

A pesar de la lluvia decido salir después de tender mi cama dos veces, ver los comerciales de las mañanas, y probarme mi ropa como todos los días. Los pantalones ya no me quedan largos como antes.

Mami, estoy más grande y gordo, digo en voz alta.

Silencio.

Nadie me escucha.

Camino sin sentir la lluvia que cae sobre mis Nike y mi capucha azul.

Cuando llueve pienso en Talanga.

Pienso en los comerciales de envío de dinero, en las caras sonrientes de los que envían dinero, y los aplausos de los familiares que lo reciben. Todos parecen felices. Pienso en mami.

Cuando llueve en Talanga hay barro por todas partes. Y charcos. Serpientes. Ranas. Lagartijas. A las ranas las guardamos en latas de leche en polvo. Al principio se mueven tanto que si no sujetamos la lata con fuerza, la lata se nos escapa rodando, y mami nos descubre. Después de unas horas, la lata se queda quieta, la rana ya no se mueve. Hoy me siento como las ranas.

Doy de comer a las palomas los cereales que llevo encima. Cuando se me acaban me levanto. A pocos metros del banco alguien ha dejado una bicicleta. Una bici verde

Zona de Carga no. 9  
abandonada en el suelo. Como si ya no la necesitaran más.  
Sin pensarlo dos veces me subo a la bici.

Sólo media hora, digo en voz alta. Un paseo de media hora  
y la traigo de vuelta.

Me sorprende el tono de súplica que utilizo, el mismo con  
el que le pedía a Miguel Ángel que me prestara sus patines  
nuevos. Miguel Ángel, ahora tengo tus zapatos y toda tu  
ropa, pienso, y tú no puedes hacer nada para quitármelos.

Me subo a la bici y pedaleo con todas mis fuerzas. Cierro  
los ojos. Puedo ver a Ramón corriendo detrás de mí para  
quitarme los patines de Miguel Ángel. Acelero, no vaya a  
ser que Ramón me alcance y me quite mi turno.

Hoy es mi cumpleaños, me siento invencible, nada puede  
detenerme.

Mami, grito, estoy solo y hago lo que quiero.

Papi, tengo un control remoto para la tele. Una tele para  
mí solo.

Antes de gritarle a Ramón que tengo ropa nueva, algo me  
golpea por detrás.

Abro los ojos y me veo en cámara lenta cayendo de la  
bicicleta.

Me duele todo.

Escucho una sirena.

Me pongo nervioso.

Ya no llueve.

Pienso en la rana que agoniza en la lata debajo de la cama.

Me concentro en los Nike blancos, los zapatos de Miguel  
Ángel.

Cierro los ojos.

Spring 2018

Pienso en la carta.

En las hieleras, el frío, los zapatos de María.

Y en la pizza con doble de salami y el milkshake de chocolate con crema gratis que me toca hoy porque es mi cumpleaños.

Pienso en cómo les voy a explicar a los tíos que sólo salí a dar una vuelta.

Me pregunto cómo será el viaje de vuelta a casa.

*Al suspense también se lo conoce como "terror inteligente".*

Zona de Carga no. 9  
AUTORES / AUTHORS

CAROLINA ALVIM FERREIRA. PhD student in Portuguese and Teaching Assistant at the University of Wisconsin-Madison. Completed a B.A. in Portuguese as a Second Language from the University of Brasilia (2011) and a M.A. in Linguistics (2013), with emphasis on Language and Society, at the same university. Her Master's dissertation, *Social and discursive changes: recontextualization processes of Clarice's literature in cyberspace*, aimed to investigate processes of resignification of excerpts from Clarice Lispector's novels. At present moment, emphasizes her research in the dialogue between modern/contemporary Brazilian literature and Gender and Women's Studies.

LEITH CAMAR. Leith comienza a escribir textos y poemas en el colegio, debido a su necesidad de expresar sus sentimientos amorosos por una compañera. Leith no busca crear un texto bonito, sino describir una sensación en un punto determinado del tiempo, por eso muchas veces escribe con música de fondo. Los textos presentados fueron escritos en un periodo de más de 10 años y nunca han sido retocados a posteriori. Generalmente todos los temas están relacionados con el amor platónico y encuentros alegóricos inspirados, parcialmente, por

la forma de escribir de varios autores como Herman Hesse o Antonio Machado.

ERNEST CARRANZA. Nacido en 1983 en la isla de Mallorca (España), es candidato a doctor en el departamento de Español y Portugués de la Universidad Estatal de Ohio, EEUU. Alterna el trabajo académico con esporádicas colaboraciones en medios de comunicación del ámbito catalanoparlante. Interesado en la política, la música afroamericana, la literatura y el fútbol, busca aún hoy el (sin)sentido de la existencia. Sospecha que la escritura es la mejor arma del perseguidor.

MAIA EVRONA. Her poems, as well as excerpts from her memoir on chronic illness, have appeared in *Prairie Schooner*, *New South* and elsewhere. Her translations of the Yiddish-language poet Abraham Sutzkever were awarded a 2016 Translation Fellowship from the National Endowment for the Arts and have appeared in *Poetry Magazine*. She has also translated the lyrics/poetry of Atahualpa Yupanqui from Spanish for the Brooklyn Rail. Her website is: [www.maiaevrona.com](http://www.maiaevrona.com)

ROMEU FOZ. He is a Ph.D student in Studies of the Portuguese-Speaking World, and a Graduate Teaching Associate for Portuguese Language at The Ohio State University. In the past, Romeu



Zona de Carga no. 9  
taught Portuguese and French to middle and high school students all over Portugal, as well as college students at Instituto Politécnico de Beja, Portugal. He also spent two years in East Timor, in Southeast Asia, training teachers. Recently, he published a set of poems in *Zona de carga* (Spring 2017).

JORGE HERNÁNDEZ LASA. Nací en Zaragoza, España, pero fui criado y crecido en Burgos, una ciudad al norte de España. Mi tierra es por tanto Castilla. Cuando alcancé los 18 años, me mudé a Barcelona y empecé la carrera de español en la Universidad Autónoma de Barcelona. Felizmente graduado en 2013, recibí una beca para un doble máster entre la UAB y la Hankuk University of Foreigns Studies, en Seúl, Corea del Sur, donde permanecí un semestre. Tras algunos avatares y tribulaciones, en 2016 hice las maletas para empezar una nueva etapa en Madison, WI, en el departamento de español, especialidad de Siglo de Oro, donde sigo picando piedra en la mina del saber y los libros. A veces escribiendo, y otras no. Espero que estos sean buenos ejemplos de lo que quería decir. *Vale*.

CARLOS MARTÍN CABRERA. Nacido y criado en las Islas Canarias, en la actualidad se encuentra cursando su primer año de doctorado en literatura española en la UW-Madison.

FERNANDA MARTÍNEZ VARELA. Nació en Chile en 1991, es socióloga y escritora. Publica su primer libro, *Ángulos divergentes*, a los 15 años. Ha recibido los premios Roberto Bolaño, Concurso Literario Universidad Católica y Premio Municipal Juegos Literarios Gabriela Mistral. Ha participado en festivales en México, Bolivia, Puerto Rico y República Dominicana. Sus textos aparecen en *Otro Lunes* (España), *Puño y letra* (Bolivia), *Maestra Vida* (Perú), *St. Paul's* (Barcelona), *Círculo de poesía* (México) y en *Halo, 19 poetas chilenos nacidos en los noventa* (Chile). En 2015 publica *La sagrada familia* (Libros del perro negro), en 2016 recibe la beca de la Fundación Pablo Neruda y en 2017 obtiene la beca de creación literaria del Consejo Nacional de la Cultura y las Artes. Actualmente cursa un MFA in Creative Writing in Spanish en New York University.

WILLY PALOMO. He is the son of two immigrants from El Salvador. His poems and book reviews can be found in the pages of *Vinyl*, *Waxwing*, *Muzzle*, *The Wandering Song: Central American Writing in the United States*, and more. For more info, visit [www.palomopoemas.com](http://www.palomopoemas.com)

CRISTINA ELENA PARDO. Nació en Caracas, Venezuela, en 1993. Estudió Filología Hispánica y el Máster en Literatura Hispanoamericana en la Universidad

Zona de Carga no. 9  
Complutense de Madrid. Actualmente es estudiante del programa de doctorado en Latin American, Iberian and Latino Cultures en The Graduate Center – The City University of New York, donde investiga sobre la interacción entre palabra e imagen en Latinoamérica desde los estudios de cultura visual. Es autora del poemario *Mano que espeja* (Balduque, 2018) y ha publicado en diferentes medios en Venezuela, España, Ecuador, México, Francia y EE.UU. En 2014 ganó el II Premio de poesía CM-UCM en el marco de la IV Semana Complutense de las Letras (Madrid) con el poemario *Doler primero* (inédito) y recibió una mención en el II Concurso Nacional de Poesía Joven Rafael Cadenas (Venezuela, 2017) por su poema “El espacio oscuro”. Como fotógrafa, ha expuesto en el marco de PhotoEspaña 2013 y colabora eventualmente con medios digitales como *El Estado Mental* o *Jot Down Magazine*. Es editora de la revista cultural *cAVerna magazine* y de la revista literaria *CALIGRAMA*.

FLORANGEL REYES. She is an emerging writer/artist with a few published pieces in *Promethean* and *Poetry in Performance*. She is 9 credits short of an MFA in Creative Writing: Fiction from City College, CUNY. She holds a BA in English Literature from Lehman College. "A Reloaded Remix on a Junot Diaz Theme: How to Date a Brown Guy, Black Guy, White Guy or an Asian" received honorable

mention in the Adria Schwartz Award in Women's Fiction at City College, CUNY

CRISTINA ZABALAGA. Nacida en 1980, es una periodista y escritora luso-boliviana. Es autora del libro de cuentos *Nombres propios* (Sudaquia, Nueva York, septiembre 2016) y de las novelas *Pronuncio un nombre hueco* y *Cuando Nanjing suspira*. Cristina ha vivido en Bolivia, España, Alemania, Bélgica, Portugal y Estados Unidos. Actualmente reside en Washington D.C. [cristinazabalaga.com](http://cristinazabalaga.com) / [cristinart.com](http://cristinart.com)

Si desea colaborar en el próximo número, consulte nuestra página de internet para más información:

<http://zonadecarga.com/es/colaboraciones.html>

If you would like to collaborate on the next edition, visit our website for more information:

<http://zonadecarga.com/en/submissions.html>

Se você quiser colaborar na próxima edição, vá ao nosso site para mais informação:

<http://zonadecarga.com/pt/colaboracoes.html>

